

## A FILOSOFIA REALISTA E NATURALISTA DE JOHN DEWEY: MEDIÇÕES NATURAIS, CAUSAIS, COGNITIVAS E CULTURAIS

*The naturalistic and realistic philosophy of John Dewey:  
Natural, Causal, Cognitive, and Cultural mediations*

Edna Maria Magalhães do Nascimento  
UFPI

**Resumo:** O presente artigo analisa a epistemologia realista e naturalista de John Dewey, discutindo sua contribuição para a epistemologia contemporânea. O ponto de partida da investigação consiste em articular os conceitos experiência e natureza da epistemologia de John Dewey às teorias de base naturalistas. Ao final pretendemos revelar que o realismo de Dewey por se caracterizar como naturalista traz contribuições importantes para a epistemologia atual quando se coloca numa vertente contrária ao objetivismo, mas sem prescindir da ciência. Ao se opor a epistemologia clássica Dewey não pretende apartar-se totalmente dessa área da filosofia, mas postular um novo modelo teórico em que o conhecimento possa ser compreendido como mediado por relações naturais, causais, cognitivas e culturais. Revelaremos que esta perspectiva antecipa-se às vertentes contemporâneas do conhecimento cuja explicação passa pela noção de complexidade e holismo.

**Palavras-chave:** Realismo. Antirrealismo. Naturalismo. Experiência. Natureza.

**Abstract:** This article analyzes the John Dewey's epistemology and naturalism, discussing his contribution to contemporary's epistemology. The point of our research is to articulate the concepts and experience nature of John Dewey's epistemology to the theory the naturalism. To finalize we intend to prove how Dewey's realism is characterized as a naturalism bringing important contributions to current epistemology when you put in contrary to objectivism, but without giving up science. To oppose the classical epistemology Dewey is not intended to depart completely from this area of philosophy, but postulate a new theoretical model in which knowledge can be understood as mediated by natural, causal, cognitive and cultural relations. Revealing that this approach is anticipated to contemporary aspects of knowledge whose explanation pass through the notion of complexity and holism.

**Keywords:** Realism. Antirealism. Naturalism. Experience. Nature.

### Introdução

John Dewey pretendia, como argumentou no livro *Reconstruction in Philosophy*, [Reconstrução da Filosofia], assumir o desafio de articular filosofia e

ciência e, como consequência disso, promover mudança no método de operar da primeira<sup>1</sup>. Em virtude disso, desenvolveu um programa doutrinário que visava mostrar como o conhecimento se funda na experiência. Esta é a dimensão científico-naturalista da sua obra cujo projeto consiste numa rigorosa argumentação contra as explicações em que a *experiência* e a *natureza* são apresentadas com base em distinções arbitrárias. Em *Experience and Nature* [Experiência e Natureza], este autor apresentou uma perspectiva científica para a epistemologia. Nesta obra, Dewey defendeu a aplicação do método científico à filosofia tendo por base o escopo de uma concepção filosófica de ‘experiência’. As concepções de Dewey acerca do conhecimento, do uso inteligente da razão e da natureza social da filosofia concorrem para a constituição de sua concepção de *ciência*.

Em virtude disto, fica evidente a sua crítica à noção tradicional de *conhecimento* como *representação da realidade*. Contra isso, Dewey passou a designar o conhecimento como um conjunto de “crenças” e “proposições” tomadas como *garantias de usos*. O objetivo do pragmatismo deweyano foi desenvolver um projeto científico e metodológico que, certamente, exigiria outra forma de fazer filosofia, ou seja, na aceção de Dewey, era requerida uma *filosofia empírica*. Embora Dewey defendesse uma filosofia científica, isso não significava que ele a subordinasse à ciência. Isto porque, sua concepção de ciência herda de Pierce a noção falibilista e autocorretiva.

Dewey se opôs à forma pela qual o problema epistemológico foi formulado pela tradição, ou seja, a partir de uma concepção realista e ingênua segundo a qual todo tipo de conhecimento é representação, desconsiderando os processos de conexão e interação presentes natureza. A partir desta constatação, pretende-se neste artigo, abordar os desenvolvimentos da epistemologia deweyana, considerando a concepção de conhecimento do autor, o caráter realista e naturalista da mesma, a sua concepção de método científico, bem como as relações entre método científico e filosofia, para deduzir as possíveis implicações à epistemologia nos dias atuais.

---

<sup>1</sup> DEWEY, John. **Reconstruction in Philosophy**. Enlarged edition. With a new introduction by the Author. Boston: The Beacon Press, 1957.

### Concepção de Conhecimento em Dewey

A objeção de Dewey à epistemologia clássica consiste em sua recusa em considerar o conhecimento, de qualquer tipo, como uma questão de representação mental, tal qual a ideia de um museu da mente, no qual as coisas são etiquetadas pelo poder da razão. Nesse sentido, o conhecimento é *conexão* e não *representação*. Não é possível tratá-lo isoladamente, mas adotando a perspectiva da complexidade e da utilidade. A apropriação adequada do tema do conhecimento pelos homens não é aquela que o considera como um fim em si mesmo, pelo contrário, tem a ver com as reais necessidades humanas. O conhecimento tem sentido enquanto ação finalística que nos permite agir no mundo. Temos, portanto, a concepção de conhecimento difundida pela doutrina pragmatista e de modo especial pelo pragmatismo instrumentalista de Dewey.

Com base nisto, afirmamos que a concepção de conhecimento de Dewey é de caráter contingente e histórico. Com essas características, Dewey rejeita o apriorismo filosófico e argumenta ser necessário à utilização de outro método para a filosofia, no caso em questão, o método empírico. Dewey, inicialmente, utiliza-se das expressões *naturalismo empírico*; *empirismo naturalista* e *humanismo naturalista*<sup>2</sup>. Por esta perspectiva é possível identificar em sua obra uma articulação teórica entre o idealismo, sobretudo, de Hegel e, o empirismo de vertente inglesa, especialmente quando conjuga o historicismo ao cientismo. Podemos inferir que há uma epistemologia naturalizada sendo gerada. No entanto, sua proposta é muito mais ontológica que epistemológica. Entretanto, seja ligado à epistemologia, seja ligada a outra área da filosofia, o certo é que Dewey anuncia, no começo do século XX, parte de um programa filosófico de continuidade entre filosofia e ciência, cujas consequências incidirão em obras desenvolvidas por pensadores mais próximos do final desse mesmo século.

---

<sup>2</sup> DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958.

Dewey protagonizou o debate que tomou corpo na filosofia contemporânea na segunda metade do século XX<sup>3</sup>. Sabe-se que, nos países de língua inglesa, na primeira metade do século XX, havia uma atitude bem hostil a uma epistemologia naturalizada. Seu ressurgimento ocorre na segunda metade desse mesmo século, na obra de Quine, em seu famoso artigo *Epistemology Naturalized*. Esse ensaio traz à luz a discussão que Dewey havia empreendido no começo do século sobre a inevitável conexão da filosofia às ciências. Como componente desse contexto, encontra-se a rejeição aos dualismos da tradição filosófica na tese de Quine sobre os *Two dogmas of Empiricism* [Dois dogmas do empirismo]. Tanto o dogma do reducionismo quanto o dogma da separação entre o analítico e o sintético pertencem à mesma ordem de questões que Dewey tinha investigado. É o próprio Quine que declara:

Filosoficamente estou ligado a Dewey pelo naturalismo que dominou suas três últimas décadas. Com Dewey, eu sustento que conhecimento, mente e significados são partes do mesmo mundo com que eles têm a ver e que eles têm de ser estudados com o mesmo espírito empírico que anima a ciência natural. Não há lugar para uma filosofia *a priori*<sup>4</sup>.

Consciente de que não há uma filosofia *a priori*, Dewey tem como propósito argumentar a favor do conceito de *experiência* na perspectiva do seu pragmatismo e discutir a partir daí a questão do método filosófico enquanto método empírico. Ele entende que os significados e as crenças podem ser compreendidos como entidades mentais, mas são resultantes dos processos interacionistas, de caráter natural, bem como da chamada arte social. Por isso, ele não pretende reeditar as velhas querelas filosóficas entre aqueles que estão simplesmente tratando questões filosóficas por meios empíricos e os mais tradicionais, que argumentarão que esse uso não conduzirá à investigação puramente filosófica. Ele pretende superar por meio de uma epistemologia pragmatista os velhos dualismos da filosofia tradicional. Para tanto, precisará adotar uma concepção de conhecimento diferente das teorias representacionista de sua época.

<sup>3</sup> QUINE. W.O.V. *Ontological Relativity and Other Essays*, Epistemology Naturalized. New York, Columbia Press, 1969, p. 69.

<sup>4</sup> Idem.

Dewey concordaria com Quine, que a *teoria da cópia*, ou seja, a teoria representacionista em suas várias formas, permanece próxima da principal tradição filosófica, o racionalismo, mas também de uma atitude típica do senso comum<sup>5</sup>. E Quine concordaria com Dewey em que essa separação entre a experiência de uma mente privada e a do mundo físico tanto está presente no senso comum quanto na filosofia técnica. Portanto, Dewey se dispõe a pensar o conhecimento a partir de bases naturalizantes, sobretudo porque rejeita a clássica relação epistemológica entre sujeito e objeto, uma vez que esta não considera a complexidade de relações envolvendo a constituição e a produção do conhecimento.

Sobre esta afirmação quineana, quando nos deparamos com as crenças em torno das divisões da experiência, bem como com a hierarquização e a classificação dos saberes, essas situações parecem tão óbvias e tão banais que o senso comum mostra não haver necessidade de análise ou mesmo de definição dos pares envolvidos nos dualismos. Essas dualidades aparecem como se fossem pré-estabelecidas. No âmbito do senso comum, não há lugar ou sentido para se falar em interações, mas apenas a manutenção de uma divisão precária em torno da experiência.

Dewey havia denunciado que a Filosofia tradicional e a Psicologia conspiraram para apresentar o comportamento humano como derivado da fusão de entidades que estariam originariamente separadas. Por exemplo: mente e corpo; matéria e espírito; interior e exterior; contingente e imanente, etc. Ora um, ora outro desses elementos poderia ser escolhido para receber uma atenção especial. Essa atenção é requerida, conforme Dewey, apenas no sentido de reforçar a divisão<sup>6</sup>. Com base nisso, Dewey declarou que se a experiência ordinária identifica os dualismos como algo dado e estabelecido, isto decorre da atribuição de uma suposta natureza intrínseca ou *a priori* que predominou no pensamento racionalista da cultura. Se eles parecem indiscutivelmente estabelecidos, isso se explica porque a "experiência" envolvida foi pré-condicionada e estereotipada culturalmente por nós<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> GEIGER, G. R. **John Dewey in Perspective - a reassessment**. New York; Toronto; London: McGraw-Hill Book Co., 1958, p. 09.

<sup>7</sup> Idem.

Dewey argumentava que a filosofia só poderia ser útil quando nos permitisse compreender a ideia de que é possível extrair da experiência traços gerais e genuínos da natureza que marcam as características dos seres, sejam dos objetos físicos, sejam das condições humanas. Essa é a tarefa principal de Dewey no livro *Experience and Nature* [Experiência e Natureza]: “mostrar alguns traços gerais das coisas experienciadas e interpretar sua significação para uma teoria filosófica do universo em que vivemos [...]”<sup>8</sup>.

Considerando os princípios do pragmatismo de que nada pode ser tomado como absoluto, de que nenhuma expressão deve ser usada em definitivo e que, para cada proposição e para cada palavra, deve-se procurar o seu valor *prático*, não há lugar para uma epistemologia especulativa na obra de Dewey. Uma epistemologia naturalista e realista quer encontrar na *experiência vivida*, os traços constitutivos dessa mesma experiência<sup>9</sup>. Dewey explicava que a filosofia clássica se manteve numa trilha primitiva, presa a um desejo mítico, em que os homens são guiados por discursos de encantamento, envolvendo princípios eternos e perpétuos, como *Deus*, *matéria*, *razão*, *energia*, apontando para absolutos sob os quais eles possam repousar.

Conforme Shook (2002), os traços gerais da experiência anunciados no livro *Experience and Nature* [Experiência e Natureza], envolvem uma forma de Dewey se opor ao sensualismo empirista de Hume e Mill. Para este intérprete, Peirce e Dewey “descobriram que a experiência apresenta regularidades estáveis que tornam alguns juízos universais apropriados no caso de processos naturais”<sup>10</sup>. Por isso, a universalidade de que trata Dewey não é a de um conteúdo universal ou de um ente absoluto. O que requer a universalidade são os processos de investigação, sua possibilidade de aplicação em situações subsequentes e sua condição intrínseca de autocorreção.

Dewey sustentou que todo e qualquer conhecimento envolve mediações, então para ele não faz sentido falarmos em termos de distinção entre conhecimentos

<sup>8</sup> DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 2a.

<sup>9</sup> Idem, p. 28.

<sup>10</sup> SHOOK, John R. **Os pioneiros do pragmatismo americano**. Trad. Fábio M. Said. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.150.

mediatos e conhecimentos imediatos. De tal modo que, para Dewey no âmbito das mediações ou em toda “asserção garantida” esta envolvida uma função de inferência. Portanto, não há nesta posição conhecimento imediato como pré-condição para o conhecimento mediato. Sendo assim deve-se ter uma visão crítica sobre estas classificações ou distinções. Para melhor ilustrar esta posição, podemos dizer maneira sumária que: a) O conhecimento, em sentido geral, esta sempre e em cada caso conectado com uma investigação; há uma continuidade na investigação; b) A conclusão ou o fim da investigação deve distinguir-se dos meios pelo qual se chega à conclusão garantida, entretanto o juízo último é construído através de uma série de juízos, que são parciais e intermediários; c) os meios intermediários da investigação se formulam em discursos, em proposições, que exigem relevância e eficácia, desse modo, o conteúdo dos juízos tornam-se materiais e fáticos, portanto os conceitos ou estruturas conceituais podem ser compreendidos como ferramentas operativas usadas para se alcançar o conhecimento; e d) as conclusões obtidas por meio deste processo, não determinam que os objetos e situações futuras fiquem isentos de reexame<sup>11</sup>.

Por fim, a concepção de *conhecimento* em Dewey não toma como ponto de partida as certezas estabelecidas *a priori*, pois só podemos saber o que são as coisas ao final do processo de inquirição, não tendo sentido perguntar pelo conhecimento e sim pelo termo “*inquiry*”, que Dewey herda de Peirce<sup>12</sup>. Dewey passa a preferir a utilização do termo *inquirição*, que será utilizado no sentido de *assertividade garantida*. O termo foi introduzido a partir da sua obra *Lógica*, de 1938, para substituir *crença* e *conhecimento*. A intenção de Dewey foi afastar-se das imprecisões do termo *crença*, cunhado por James, e adotar uma linguagem mais científica e menos ambígua na defesa de seu naturalismo filosófico<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> DEWEY, John. **Propositions, Warranted Asseribility and Truth**. The Later Works of John Dewey. Southern Illinois University Press. ed. Carbondale and Edwardsville. 1991, p. 170 (Publicado originalmente no The Journal of Philosophy, 38, (1941), p.141.

<sup>12</sup> ARAÚJO, Inês Lacerda. **Dewey e Rorty**: Um debate sobre a justificação, experiência e o papel da ciência na cultura. COGNITO ESTUDOS: Revista Eletrônica de Filosofia, São Paulo, Volume 5, Número1, janeiro-junho, 2008, p. 02.

<sup>13</sup> DE WAAL, Cornelis. **Sobre Pragmatismo**. Trad: Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 170

---

### O Realismo Naturalista da Epistemologia Pragmatista de Dewey

Dewey reclamou um novo contexto em que as noções de *experiência* e *natureza*, que historicamente foram avaliadas como incompatíveis, pudessem ser compreendidas em unidade. Assim, pode-se dizer que a epistemologia deweyana é realista e naturalista. Na tradição racionalista, essas categorias só são compreensíveis quando ligadas a algo não natural e transcendental. Coisa semelhante acontece também na tradição empirista, na qual o materialismo mecanicista trata de empregar a ideia de que a natureza só pode ser interpretada como algo mecanicamente determinado, fruto das relações de causalidade e dos princípios empíricos e materiais<sup>14</sup>.

O autor constatou que a separação clássica entre aparência e realidade parece um problema tão insolúvel quanto o da relação mente/corpo e, como consequência dessas antinomias, prevalece à ideia de *descontinuidade*. Essa última está ligada à ideia de superioridade das questões intelectuais em detrimento das questões da experiência. O anti-intelectualismo de Dewey não implica em menosprezar a inteligência e a razão, o que ele pretende é tomar os dados da experiência para elevá-los à condição de objetos da reflexão, com a finalidade de obter um conhecimento marcado pela instrumentalidade.

Conforme Dewey, o intelectualismo, predominante na filosofia tradicional, contraria até os fatos, pois “as coisas são objetos para serem manuseados, utilizados, trabalhados, gozados e sofridos, mais do que coisas conhecidas”<sup>15</sup>. Esse intelectualismo tornou-se, como método, soberano em filosofia; desta maneira, ele permanece alheio aos fatos da experiência primária, não só obrigando à adoção do método não empírico, mas também levando à concepção do conhecimento apenas por esse viés. Dewey propõe que pensemos de outro modo, afirmando que o conhecimento só faz sentido se for concebido como uma atividade inteligente, agregando a complexidade da experiência e operando no mundo por meio dos processos ação e reflexão.

---

<sup>14</sup> DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 3a.

<sup>15</sup> Idem, p. 17.



Desse modo, Dewey se concentrou na caracterização e na discussão dos dois tipos de experiência: a experiência ordinária, primária, e a experiência secundária, resultante da adoção dos procedimentos intelectuais de análise. Com essa opção o filósofo pensa superar as visões clássicas da filosofia que mesmo tendo por objetivo sair dos esquemas dualistas terminam, por novamente, proceder às hierarquizações e às classificações da realidade atribuindo valor de superioridade a dimensões do mental em detrimento do material, mas contraditoriamente, desenvolvendo pretensas sínteses envolvendo uma realidade superempírica ou transcendental.

Ocorre que, ao desenvolver sua tese seminal em torno do conceito de *experiência*, Dewey se presta a todos os tipos de crítica, provavelmente, pela utilização de um termo de difícil definição. Na linguagem comum a palavra *experiência* é praticamente não analisável, pois se refere a algo gradativamente adquirido, que aceitamos sem muitos questionamentos. Quando somos chamados a falar da *experiência* dizemos que ela é direta e imediata. Entretanto, podemos também encontrar, na maioria das vertentes teóricas, a noção de experiência na dimensão da consciência privada separada da natureza e do mundo, ou seja, algo subjetivo e exclusivamente mental, separado do estado objetivo das coisas<sup>16</sup>.

Como se vê, a experiência foi concebida pelas doutrinas tradicionalistas como algo não natural. Se fosse natural, não seria totalmente confiável. Dessa forma ela é pensada numa direção totalmente distinta, fazendo abstração da sua concretude e cruza. A experiência é concebida de um modo ideal e irreal. O que é curioso é que a tendência de desacreditar a experiência humana concreta não é requisito apenas da conduta da filosofia profissional, mas é algo que vai muito além das preocupações técnicas. Na verdade a filosofia se apropria de uma subjetivação exagerada do que se passa, sobretudo, na experiência popular.

Com base nessas ideias, Dewey se opõe tanto ao empirismo clássico quanto ao racionalismo cartesiano em relação ao papel dado à experiência e o apego que essa tradição filosófica mantém pelo universal e sua consequente busca por princípios

---

<sup>16</sup> GEIGER, G. R. **John Dewey in Perspective** - a reassessment. New York; Toronto; London: McGraw-Hill Book Co., 1958, p.07.

estáticos para assegurar a nossa compreensão cognitiva do mundo. Dessa forma, ao se contrapor aos dualismos da filosofia tradicional, Dewey apresenta sua filosofia empírica como forma de superação das oposições binárias, que transformaram a filosofia, como denunciaram os pragmatistas de Cambridge, num campo de guerra de “temperamentos” e de “questões domésticas”. Em contraposição a este emaranhado de teorias elaboradas a partir dos “humores” de seus propositores, Dewey argumenta que a filosofia precisaria utilizar outro método de investigação. Assim, o método empírico e o espírito científico enquanto inquirição e como experiência, exigirão o uso de teorias e hipóteses que devem ser estendidas a outras áreas da cultura, em especial à filosofia<sup>17</sup>.

Do ponto de vista de uma epistemologia naturalista, não há outra forma de compreender a experiência do conhecimento a não ser pela relação entre os processos não cognitivos e os processos cognitivos. Isto significa que, pensar a experiência sem a unidade entre esses processos é condição para obter determinados tipos de conclusões envolvendo entidades extranaturais ou sobrenaturais. Quando não se considera essa unidade, a filosofia segue seu padrão clássico, ou seja, elege os dados espirituais, o predomínio do mental sobre as outras esferas da vida.

Foi por isso que a filosofia tradicional, ao invés de assumir a reflexão sobre a constituição do processo cognitivo, gerador das nossas crenças, ao invés de enfrentar as discussões sobre o caráter natural e social do conhecimento, tomou outro caminho, ou seja, o apego dos filósofos foi em torno da substância ou de uma ideia sintetizadora de tudo. No entanto, a experiência bruta está carregada do emaranhado e do complexo, mas a filosofia se apressou em fugir para longe dela a fim de procurar algo mais simples sobre o qual pudesse repousar. Ao estabelecer a noção estática de *permanência*, de *essência real*, de *totalidade*, as filosofias clássicas apelam para *predicados laudatório*<sup>18</sup>.

<sup>17</sup> DEWEY, John. *Experience and Nature*. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 08.

<sup>18</sup> Idem. (Permanence, universals, over plurality, change and particular is pointed out, as well as its effect in creating the traditional notion of substance, now undermined by physical science. The tendency of modern science to substitute qualitative events, marked by certain similar properties and by recurrences, for the older notion of fixed substances in shown to agree with the attitude of naïve

Assim conforme Dewey, estes “predicados laudatórios” confirmam que a filosofia clássica foi se desenvolvendo e se amparando em discursos que a enaltece e a exalta. Ela limita-se à ideia de permanência e de universais sobre o que é múltiplo e particular. Opta pela noção de substância em detrimento do reconhecimento da ciência física. Este tipo filosofia tem dificuldade de reconhecer que matéria e mente são personagens significativos de eventos e processos em diferentes contextos e não uma substância final.

Com efeito, para Dewey, a experiência não pode ser vista como distinta da natureza, ela é algo que a penetra e nela se expande sem limitações. Tudo que existe é resultado de um processo de relações mútuas, pelos quais os corpos agem uns sobre os outros, modificando-se reciprocamente. A experiência é esse processo pelo qual um corpo age sobre outro corpo e dele sofre uma reação. Dewey parte de um conceito amplo de *experiência*, considerando não apenas os atributos puramente racionais. O que caracteriza a experiência nessa abordagem é a sua dinamicidade, que se realiza de dois modos: ela é ativa quando age sobre algo e sua ação produz consequências; ela é passiva quando sofre ou passa por alguma coisa e recebe as consequências de sua ação. O processo implica a qualidade da ação, de maneira que não existe nem pura atividade nem pura passividade: a experiência envolve simultaneamente esses dois processos.

A postura dualista caracterizada pela distinção entre o particular, entendido como a experiência dos fatos singulares, e o universal, ou seja, as leis e princípios gerais racionalmente determinados resultam em uma posição reducionista. Dewey mostra que a experiência assim concebida é apartada de seus componentes principais, ou seja, da relação com o ambiente, dos dados, das sensações, da experiência primária. Dewey desenvolve, portanto, uma explicação naturalizante para esclarecer as situações pelas quais se originaram as distinções arbitrárias entre *experiência* e *natureza* e como devem ser superadas.

---

experience, while both point to the idea of matter and mind as significant characters of events, presented in different contexts, rather than underlying and ultimate substances).

Nessa explicação, de cunho evolucionista, ele destaca que os organismos fisiológicos, seja o homem, sejam os animais inferiores, empenham-se em adaptações ao ambiente para manter o processo da vida. Em relação ao homem, Dewey declara que, no processo vital, a inteligência humana vai encontrando as melhores soluções que visam à experiência ao processo de adaptação. O cérebro e o sistema nervoso são órgãos de ação e padecimento, agem sobre o meio e sofrem ações externas. Se não há quebra de continuidade natural e histórica, a experiência cognitiva tem sua origem na experiência de tipo não cognitivo. Para Dewey, não faz sentido falar de uma *experiência transcendental*. Somente quando o caráter temporal das coisas experienciadas é esquecido é que se concebem noções como a “*transcendência*” do conhecimento<sup>19</sup>.

Assim do ponto de vista da *experiência* prevalecem os processo interacionistas. Um organismo pode estar envolvido em formas simples e limitadas de articulação consigo mesmo e seu entorno, como acontece com as formas mais simples de comportamento biológico, ou numa atividade mais rica e extremamente complexa, de natureza intelectual. De todo modo, esse processo implica relações nas quais se obtêm acréscimos decorrentes da interação dos organismos. Esses acréscimos são mudanças qualitativas adquiridas no processo de experienciar. Trata-se de uma equação que é aditiva porque o organismo é uma parte do mundo natural e não um obstáculo à parte. Isso envolve, portanto, uma ocasião para a continuidade e não para o inverso<sup>20</sup>.

Assim, os componentes principais de nossa relação com o ambiente podem ser traduzidos na experiência anterior ao pensamento reflexivo, ou seja, na experiência primária, sem a qual nossas aptidões cognitivas não teriam se desenvolvido. Dewey apresenta a ideia de *conexão* e não de *oposição* entre os dados da realidade e o pensamento, valorizando assim na experiência a noção de

---

<sup>19</sup> SHOOK, John R. **Os Pioneiros do Pragmatismo Americano**. Trad. Fábio M. Said. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 150.

<sup>20</sup> GEIGER, G. R. **John Dewey in Perspective - a reassessment**. New York; Toronto; London: McGraw-Hill Book Co., 1958, p. 19.

*continuidade*. Tudo está em comunicação, em processo, há um *fluxo contínuo na experiência*<sup>21</sup>.

Dewey pensa que é preciso superar as doutrinas transcendentalistas e considerar outra perspectiva que garanta o *fluxo dos acontecimentos* e a noção de *continuidade*. É evidente que o único modo de manter a doutrina da *continuidade natural* consiste em reconhecer os aspectos derivados e secundários das experiências intelectuais ou cognitivas. Ocorre que, diferentemente das posições clássicas, essa compreensão não representa uma hipertrofia da dimensão intelectual. Como se percebe, a sua teoria naturalista da experiência não toma o pensamento como algo autônomo e independente, o pensamento é compreendido como uma fase biológica da experiência do organismo. Na interpretação de Shook, Dewey discute os estágios do pensamento enquanto aspectos funcionais da solução prática de problemas à medida que os humanos encontram instrumentos melhores para interagir com a natureza<sup>22</sup>.

O naturalismo nos leva a perceber que, a partir das suas interações com o ambiente, um organismo experiente pode estabelecer previsões em relação aos acontecimentos futuros, de tal maneira que a situação presente seja inserida na história do *fluxo dos acontecimentos*. Com base nessa compreensão naturalista da experiência, Dewey passa a desenvolver a defesa do método empírico em filosofia, cuja aplicação faz com que o pensamento, operando a partir das contingências observadas, se desenvolva de maneira integrada com a realidade. Desse modo, a função principal da inteligência humana é conduzir a investigação, que é fundamentalmente resolução de problemas.

O desenvolvimento do pensamento e da nossa reflexão sobre o mundo resulta da modificação que imprimimos aos nossos hábitos, criando novas condições de adaptação, decorrentes do fluxo e refluxo da experiência. O ganho qualitativo a partir da experiência é resultado da utilidade da inteligência referida à previsibilidade. O naturalismo de Dewey sustenta que a realidade da qual a experiência humana faz

<sup>21</sup> DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 28.

<sup>22</sup> SHOOK, John R. **Os Pioneiros do Pragmatismo Americano**. Trad. Fábio M. Said. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 150.

parte é contínua, não dá saltos. Nesse sentido, para Dewey, onde quer que haja vida, há comportamento, há atividade, e, para que a vida possa continuar é necessário se ela se torne 'atividade', que seja ao mesmo tempo, contínua e adaptada ao meio ambiente<sup>23</sup>.

Este interesse por uma abordagem naturalista do conhecimento ocorre desde 1897, contexto em que Dewey vinha se dedicando ao estudo do empirismo naturalista como fundamento para a sua psicologia social, a sua ética e a sua filosofia social. A conexão entre o empirismo e os demais aspectos teóricos de sua filosofia está baseada na noção prática de *conhecimento*. Podemos afirmar que não se trata de uma preocupação com o conhecimento em si, ou com as ideias em si mesmas, pois só tem sentido falar em ideias enquanto subsidiárias do uso social. Conforme Geiger, Dewey desenvolveu a sua concepção de conhecimento dentro dos parâmetros segundo o qual o conhecimento em si não está em questão "o que precisa ser explicado é a eficácia pública, seletiva, ativa das ideias enquanto funcionam na real solução problemas"<sup>24</sup>.

Assim, toda explicação empírica e experimental está relacionada à atividade teleológica da inteligência. A atividade inteligente envolve um processo de aprendizagem por meio de ações criativas que se desenvolvem na experiência, visando à superação de obstáculos que impedem a realização dos objetivos almejados. Esse crescimento é resultante de estágios que o pensamento percorre e que darão ao indivíduo um aumento de força e flexibilidade na tarefa de resolução de atividades mais complexas. Portanto, o progresso da inteligência humana resulta da sua constante atividade<sup>25</sup>.

### **Características do Método no Pragmatismo de Dewey**

Dewey argumentou que a primeira e talvez a maior diferença entre o método empírico e o não empírico reside na escolha do material original. O que significa esta afirmação? A resposta pragmatista consiste em dizer que para um empirista

<sup>23</sup> DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 103.

<sup>24</sup> GEIGER, G. R. **John Dewey in Perspective**- a reassessment. New York: Mc Graw-Hill Book Company, 1964, p. 68.

<sup>25</sup> SHOOK, John R. **Os Pioneiros do Pragmatismo Americano**. Trad. Fábio M. Said. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 138.

naturalista autêntico, a discussão clássica da filosofia, centrada na relação entre sujeito e objeto, deve dar lugar ao problema de identificar as consequências decorrentes dessa relação, ou seja, da distinção entre o físico e o mental, para a nossa vida cotidiana. O que ele quer saber é como se dão os encontros entre os objetos físicos e os juízos inferenciais mais complexos e que consequências práticas positivas se terá para a nossa vida<sup>26</sup>. Desse modo, a capacidade de regulação oferecida pelo método científico, favorece a compreensão do valor e do significado enriquecido nas coisas da experiência, com maior clarificação, maior profundidade, previsibilidade e *continuidade*. Vale a pena citar esta passagem:

O ofício da ciência física é descobrir as propriedades e as relações das coisas em virtude das quais elas são capazes de serem usadas como instrumentos; A ciência física reivindica não a natureza interna das coisas, mas apenas as conexões das coisas com aquilo que determinam os seus resultados e que, portanto, pode ser usado como meio<sup>27</sup>(tradução nossa).

O desenvolvimento das ciências constitui num crescente “apoderar, pela humanidade, de instrumentalidades mais eficazes no lidar com as condições da vida e da ação”<sup>28</sup>. Assim, o propósito de uma teoria, conforme Dewey é direcionar a aplicação de tecnologia com vistas a produzir seu objeto onde ele ainda não existe<sup>29</sup>. Essa previsibilidade só é possível porque resulta da continuidade da experiência, de tal maneira que as filosofias que insistam em buscar *indubitabilidades* e *universalidades* desembocarão em ontologias dualistas. Por outro lado, a previsibilidade não é algo absoluto, mas sim falível. Mesmo assim, o “erro” inerente ao processo de conhecer é utilizado para guiar experiências subsequentes. Em suma, nessa concepção, a ciência é sempre autocorretiva. O *falibilismo*, longe de constituir um defeito da experiência, é algo resultante do processo de aperfeiçoamento que envolve a utilização dos erros como dados úteis para as experiências futuras<sup>30</sup>.

<sup>26</sup> DEWEY, John. *Experience and Nature*. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 19.

<sup>27</sup> Idem, p. XII.

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> Idem, p. 153.

Em diversas obras de Dewey, tais como *Experience and Nature; Reconstruction in Philosophy; The Quest for Certainty*, ele propôs a expansão do método investigativo das ciências experimentais para o campo dos valores morais e também profetizou que as questões sociais se tornariam inteligentemente resolvidas na proporção em que empregássemos o método da ciência, que consiste em recolher dados, conceber hipóteses e colocá-las à prova<sup>31</sup>. Dewey é um continuador do legado de Peirce, sobretudo, na sua compreensão de que melhor método para fixar nossas crenças é o método da ciência, sendo que esta desenvolve nas dimensões estéticas, éticas e lógicas. Dewey argumentou que a não utilização do método empírico levou a filosofia a uma série de deficiências, decorrentes da não articulação de seus resultados com os acontecimentos da experiência diária. Isso gerou, conforme Dewey, três grandes falácias da filosofia tradicional: a primeira está na completa separação entre sujeito e objeto; a segunda, no exagero das caracterizações dos objetos racionalmente conhecidos em detrimento das qualidades dos objetos de gozo e sofrimento; a terceira, no isolamento exclusivo dos resultados de vários tipos de simplificações<sup>32</sup>.

Desse modo, há uma constatação de que os métodos não empíricos, que são empregados pela filosofia clássica, começam com os resultados de uma reflexão que já se apartou do objeto experienciado e de suas condições dadas. O método empírico, ao contrário, deve observar como e por que *o todo* foi separado em sujeito e objeto, em natureza e operações mentais. Assim se descobre que há uma inversão: os produtos reflexivos são tratados como se fossem primários, ou como se fossem originalmente “dados”<sup>33</sup>. Por isto, para o “método não empírico, objeto e sujeito; mente e matéria (ou quaisquer outras palavras e ideias que sejam utilizadas) são separados e interdependentes”<sup>34</sup>.

Entretanto, o que se verifica é a constante tentação da filosofia, como sua história demonstra, em considerar que os resultados da reflexão secundária possuem em si e por si próprios uma realidade superior à da matéria de qualquer outra

<sup>31</sup> DEWEY, John. **The quest for Certainty**: a study of the relation of knowledge and action. Minton, Balch, 1929.

<sup>32</sup> DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 33.

<sup>33</sup> Idem, p. 28.

<sup>34</sup> Idem.



experiência. Como foi afirmado, essa assunção da filosofia como pertencente à ordem das questões espirituais é tão profunda que geralmente é tomada como ponto pacífico, como algo que não precisa nem ser discutido<sup>35</sup>.

Com base na adoção do método não empírico, a filosofia tradicional ficou sem saída no momento de enfrentar o problema de como é possível o conhecimento; de como um mundo externo pode afetar uma mente interna; de como os processos mentais podem atingir e apreender objetos definidos em oposição a eles, ou seja, em termos cartesianos, de como é possível que a substância pensante (*res cogitans*) possa apreender algo distinto dela, uma antítese dela, ou seja, a substância extensa (*res extensa*).

A partir daí, Dewey argumenta como o filósofo racionalista, ao enfrentar o problema mencionado acima, fica em uma situação embaraçosa, pois suas premissas tornam o fato do conhecimento algo não natural e não empírico. Assim agindo, os filósofos tradicionais reduzem a totalidade da realidade a seus aspectos particulares. Por exemplo, um pensador transforma-se em materialista metafísico quando denega realidade ao mental, outro se converte ao idealismo psicológico quando sustenta que a matéria e a força são apenas eventos psíquicos disfarçados. As soluções para uma relação satisfatória entre a consciência e o mundo são abandonadas, a busca pelas mesmas torna-se uma tarefa sem esperança ou então resulta em escolas diversas que amontoam complicações intelectuais umas sobre as outras para atingir, ao final de um longo e tortuoso caminho, aquilo que a experiência ingênua já sabe.

A experiência teria que ser na filosofia, assim como o é nas ciências naturais, o ponto inicial e terminal da investigação, colocando problemas e testando propostas. Se o método empírico fosse adotado no filosofar, a experiência não teria sido relegada a um lugar secundário e quase acidental como o foi na escola cartesiana. Dewey assegura que assumir a perspectiva de uma filosofia histórica e contingente é uma forma de enfraquecer os discursos dominantes das ontologias clássicas que se “interpõem no caminho da compreensão da força do método empírico em filosofia”<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> Idem.

Dewey conclui que quando é negligenciada a conexão entre os objetos científicos e os acontecimentos da experiência primária, o resultado é um quadro de um mundo de coisas indiferentes aos interesses humanos. Geiger esclarece este pensamento de Dewey declarando que a experiência servirá como um elemento profilático contra a descontinuidade, pois poderá ser utilizada para corrigir o empirismo parcial que seleciona apenas alguns aspectos da experiência como reais<sup>37</sup>.

Assim, ao se opor a um subjetivismo radical, Dewey explica que não é possível reduzir a experiência unicamente ao processo de *experienciar*, tratado como algo que é completo em si próprio. É como se chegássemos a uma situação em que um ato de experienciar tivesse por objeto tão somente a si próprio, visando estados e processos de consciência em lugar das coisas da natureza. Não é adequado considerar como experiência tão somente os estados e processos da consciência.

Na natureza observamos coisas e não a observação em si. No entanto, podemos tomar a observação como um objeto de estudo e o mesmo se fará com o pensamento, na medida em que esses objetos não sejam abstraídos da experiência. No entanto, tem prevalecido na filosofia tradicional uma forma de considerar a consciência particular subjetiva em contraposição à natureza. Essa forma de explicação reproduz a ideia segundo a qual natureza e experiência “são nomes para coisas que nada têm a ver com a outra”<sup>38</sup>. Chegamos ao absurdo, conforme Dewey,

“[...] de experienciar tão somente a si próprio, de experienciar estados e processos de consciência, em lugar de coisas da natureza. [...] Desde o século XVII, esta concepção de experiência como equivalente da consciência privada e subjetiva, posta em confronto com a natureza, que consiste inteiramente em objetos físicos, tem causado estragos na filosofia. É responsável pelo sentimento mencionado desde o início de que "natureza" e "experiência" são nomes de coisas que nada têm a ver umas com as outras”<sup>39</sup>(tradução nossa).

Ao enfrentar essa tradição cartesiana, Dewey apresentou melhores argumentos sobre os padrões apropriados para compreensão intelectual da

<sup>37</sup> GEIGER, G. R. *John Dewey in Perspective - a reassessment*. New York; Toronto; London: McGraw-Hill Book Co., 1958, p.16.

<sup>38</sup> DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 8.

<sup>39</sup> Idem, p.11.

constituição de nossas crenças. A argumentação deweyana acerca de uma concepção empírica do pensamento coloca os “sujeitos” como centros de experiência. Nesse sentido, ele constata que, na história da filosofia, foram raras as vezes que se reconheceu o papel da experiência enquanto unidade integrada. Aristóteles foi quem mais se aproximou dessa tentativa, pois reconheceu a contingência do ser. Mesmo assim, nunca abandonou sua predileção pelo fixo, certo e acabado. Sua teoria das formas e dos fins é uma teoria da superioridade que têm no ser as qualidades imutáveis; sua física busca fixar uma escala dos intervalos da relação entre a necessidade e a contingência, hierarquizada de tal sorte que a necessidade indique os graus da realidade e as contingências meçam as deficiências do ser<sup>40</sup>.

Entre os modernos, temos alguns exemplos, como Bacon, Locke e Hume, da tentativa de recorrer a uma concepção de experiência que seja criada pelo ser humano, que esteja mais próxima da terra do que do céu, uma metafísica aplicada às ciências naturais e aos diversos ramos da experiência. No entanto, o que predominou na tradição filosófica foi à falta de conexão entre os objetos mentais em suas relações com as experiências vitais<sup>41</sup>.

A despeito do agudo e penetrante poder de observação dos gregos, sua ciência é uma extensão dos hábitos sociais por eles adquiridos. A descoberta do sujeito é a descoberta reflexiva do papel desempenhado na experiência pelos indivíduos concretos, em suas formas de pensar, agir, sonhar, desejar. Entretanto esses resultados seriam outros se a filosofia tivesse optado pelo método empírico. Isto porque, através desse último, ela teria realizado a reflexão sobre o subjetivo a partir da experiência e não fora dela. Mas a filosofia tradicional fez abstração da origem empírica e do uso instrumental da consciência, de tal sorte que o mental se constituiu isolado e separado, autossuficiente e fechado em si mesmo.

Uma epistemologia contemporânea não pode desconhecer o esforço de Dewey quando este descreve o mundo complexo, uma mistura de ordem e de desordem, de certeza e incerteza, de trigo e joio, argumentando que o

---

<sup>40</sup> Idem, p.48.

<sup>41</sup> Idem.

reconhecimento desse fato possui significação fundamental para construir uma epistemologia naturalista. A filosofia clássica, ao contrário, sai em busca do eterno e imutável no ser, fundamenta-se no conhecimento derivado de uma ciência primeira que fornece uma base comum e universal, bem como em princípios racionalmente puros. Assim, concebe-se como uma ciência que está além da experiência e cujo procedimento se baseia num saber contemplativo ou teórico. A ideia de uma teoria da contemplação do eterno é rejeitada por Dewey, assim como a pretensa capacidade da mente de intuir verdades indubitáveis, fato esse que o coloca na direção contrária ao *cogito cartesiano*.

Richard Rorty<sup>42</sup> escreveu que autores como Dewey e Heidegger cada a seu modo foram eficientes na descrição do diagnóstico e origem dos dualismos. Heidegger escreveu como a ontologia grega cindiu o homem ou promoveu a desintegração do Ser, e Dewey revelou que a filosofia desenvolveu a competição entre argumentos e a interpretação técnica do pensamento, separando a contemplação da ação. Esta é uma posição que reforça a ideia que Dewey desenvolve um pensamento pós-filosófico que dar como acabada a filosofia como “epistemologia”, isto é, como episódio da cultura ocidental baseado no paradigma do espectador<sup>43</sup>.

É importante considerar que estes autores têm em comum o fato de concordarem que a noção de *representação acurada da realidade* deve ser abandonada. Não há mais lugar para uma filosofia que fique gravitando em torno de respostas cartesianas às ofensivas céticas. Deve ser abandonada também a noção de *mente como algo interno* ou de uma *teoria do conhecimento*. Cada um deles se livrou das concepções ligadas a uma filosofia fundacional e dedicaram-se a prevenir-nos contra as tentações de realizar esse tipo de filosofia.

### Relação entre Filosofia e Ciência

Dewey considerava que o caso paradigmático de aquisição do conhecimento não é o do cientista ou do filósofo que ociosamente contempla este ou aquele assunto

---

<sup>42</sup> RORTY, Richard. **Philosophy and the Mirror of Nature**. Princeton: Princeton University Press, 1979, p. 06.

<sup>43</sup> TUDELA, Jorge Perez de. **El Pragmatismo Americano**. Madrid. Editora Sinteses, 2000, p 168.

em seus estudos profundos, mas decorre da emergência de um problema concreto que exige uma resposta<sup>44</sup>. Essa emergência é derivada daquilo que Dewey chamou de *situações indeterminadas*, uma vez que toda reflexão é resultante de uma situação problemática: num mundo sem problemas, não haveria pensamento. Peirce chamou esta situação de “irritação da dúvida”, ele declarava no ensaio “A fixação de nossas crenças” (1877) que “a irritação da dúvida causa uma luta para alcançar um estado de crença”. Esta ‘luta’ Peirce chamou de investigação, mas admitia que não era uma designação muito adequada. Trata-se da indagação que deve se desenvolver em torno de uma crença estável<sup>45</sup>.

Dewey à luz desta influência peirciana escreveu que a situação problemática produz respostas conflitantes e os conflitos são resolvidos quando o processo de reflexão nos faz adotar uma das respostas ou quando as reconcilia por meio de um plano de ação. Nosso autor esclarece que, no momento em que obtemos o produto da reflexão, esta cessa até que nos encontremos em uma nova *situação indeterminada*<sup>46</sup>. Do processo que vai de uma experiência primária à experiência reflexiva constatamos uma situação de ação e reação do pensamento, que irá se constituindo e se aperfeiçoando em torno de uma inteligência ao mesmo tempo operativa e reflexiva.

Podemos inferir que o apelo de Dewey a situações indeterminadas para referir-se a um estágio pré-reflexivo conduz ao papel filosófico da dúvida no processo de conhecer. De Waal também reconhece que Dewey seguiu a teoria da dúvida e da crença de Peirce, “em que a inquirição é, de maneira semelhante, o produto de uma aflição de algum tipo e chega à conclusão quando essa aflição é aliviada”<sup>47</sup>. A dúvida está sempre relacionada a uma situação indeterminada, de tal sorte que a relação entre a dúvida e a crença possa favorecer um equilíbrio homeostático. Assim, o problema do conhecimento tanto para Dewey quanto para Peirce está colocado em termos naturalistas. Ao caracterizar o naturalismo de Dewey, De Waal, escreve:

---

<sup>44</sup> DE WAAL, Cornelis. **Sobre Pragmatismo**. Trad. Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p.160.

<sup>45</sup> PEIRCE, Charles. La Fijación de La Creencia. In: Obras Filosóficas: Fondo de Cultura, 2016, p.168.

<sup>46</sup> DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 06.

<sup>47</sup> DE WAAL, Cornelis. **Sobre Pragmatismo**. Trad. Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p.160.

O comportamento humano, até as empreitadas mais teóricas, está em continuidade com o comportamento dos assim chamados “organismos inferiores”. Não há diferença de espécie entre Einstein desenvolver sua teoria da relatividade e uma lagosta pegar um camarão que sempre lhe escapa<sup>48</sup>.

Em sua crítica a noção de conhecimento constituído pela síntese transcendental da consciência, Dewey nos afirmava que pensar que a autoconsciência nos daria as verdades fundamentais e decidiria o que estaria de acordo ou não com a razão aponta para a certeza da infabilidade do conhecimento e isto é impossível. Trata-se de uma espécie de falácia filosófica que o cartesianismo nos impôs. Pelo cartesianismo, devemos abandonar as crenças do mundo exterior por meio da aceitação de crenças *fundacionais*, isto é, crenças asseguradas por intuição intelectual de verdades imunes ao erro, isto é, crenças extraídas dos nossos estados mentais. Por esse caminho o conhecimento é tratado como um dado anterior a qualquer conhecimento empírico.

Feitas estas considerações, o desafio de Dewey é assegurar uma espécie de unidade teórica entre ciência e filosofia. A questão proposta por ele é: por que a filosofia foi considerada um saber que não pode assumir questões da ciência e vice-versa? Dewey denuncia que, no processo de divisão do trabalho relativo ao saber, a filosofia ficou com as questões morais e espirituais e a ciência, com “as questões práticas”; ele mostra que essa divisão só veio reforçar, mais uma vez, os dualismos da tradição ocidental entre a dicotomia teórico e prático.

Segundo Korblitzh, a tendência deweyana de reclamar um *insight* científico para a filosofia está presente até mesmo em autores tradicionais. Descartes, por exemplo, “não era tolo de buscar uma epistemologia que fosse isolada da melhor ciência disponível em sua época”<sup>49</sup>. Acontece que não havia uma boa ciência na época de Descartes. Mesmo assim, seu objetivo nas *Meditações* era “encontrar qualquer

---

<sup>48</sup> Idem, p.161.

<sup>49</sup> KORBLITZH, Hilary. **Em Defesa de Uma Epistemologia Naturalizada**. In: SOSA, Ernest, GRECO, John. *Compêndio de Epistemologia*. Tradutores: Alessandra Siedschlag e Fernandes Rogério Bettoni. São Paulo. Edições Loyola, 2008, p. 253.

coisa na ciência que fosse estável e possivelmente duradoura”<sup>50</sup>. Como sua obra precedeu a Revolução Científica, ele foi encontrar seus fundamentos epistêmicos fora da ciência. Dewey também argumentava que, embora a filosofia reivindique para si uma independência em relação à ciência, os filósofos tomaram para si várias fontes e conclusões de outras áreas do conhecimento, em especial da ciência que predominou em seus respectivos momentos. Ocorre que eles introduziram as conclusões diretamente na filosofia, sem conferi-las quer com os objetos empíricos de onde se originaram, quer com os objetos empíricos para os quais se destinavam<sup>51</sup>.

Dewey concordaria em dizer que, diferentemente de Descartes, temos hoje uma boa ciência à qual podemos recorrer. Dewey poderia também concordar em que os empreendimentos científicos se divorciaram da filosofia. A filosofia, como ele revelou, “comerciou” com a ciência, mas seu problema não residiu no excesso de teorização e sim no uso das conclusões científicas sem relacioná-las aos objetos empíricos. Vejamos como Dewey reconhece o papel da ciência como propulsor das questões filosóficas:

Platão negociou com os pitagóricos e importou conceitos matemáticos; Descartes e Spinoza assumiram os pressupostos do raciocínio geométrico; Locke importou para a teoria da mente os corpúsculos físicos newtonianos, convertendo-os em "ideias simples" dadas; Hegel emprestou e generalizou sem limite o método histórico crescente da matemática; a noção de proposições primitivas indefiníveis e deu-lhes um conteúdo das ideias simples de Locke, que, entretanto, se tornaram parte do estoque de comércio para a ciência psicológica<sup>52</sup>(tradução nossa).

Dewey não postula para a filosofia tarefas fora da sua área de jurisdição. Nem abraça o tema da demarcação entre ciência e não ciência como fizeram os positivistas lógicos, ele discorre sobre a divisão entre filosofia e ciência, mostrando que, tradicionalmente, sustentaram-se de maneira equivocada que, as ciências eram produtos de investigação empírica, enquanto a filosofia era exercida *a priori*. Ocorre que, em meio às grandes transformações ocorridas no seio da sociedade e às grandes

<sup>50</sup> DE WAAL, Cornelis. **Sobre Pragmatismo**. Trad. Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 161.

<sup>51</sup> DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 34.

<sup>52</sup> Idem.

---

contribuições advindas do desenvolvimento científico, é contraditório manter a filosofia fora desse domínio.

O problema consiste no grande vício da filosofia que foi a manutenção de um “intelectualismo” arbitrário. Esta constatação faz com que Dewey observe o favorecimento dos objetos cognitivos em detrimento de outros traços que despertam desejo, que provocam ação e produzem paixão. É como se essas qualidades da vida não tivessem realidade e que, portanto, não aparecessem na investigação científica. Dewey salienta que é preciso atacar a noção de que há um acesso privado à verdade, de que algumas partes da experiência são intrínsecamente mais privilegiadas que outras. Assim, o autor declara que elas, ou seja, algumas áreas, não têm realidades inquestionáveis como as que são atribuídas às propriedades matemáticas, mecânicas ou eletromagnéticas. Desta maneira Dewey explica que,<sup>53</sup>.

A única maneira de evitar uma separação nítida entre a mente que é o centro dos processos de experimentação e o mundo natural que é experimentado é reconhecer que todos os modos de experimentar são maneiras pelas quais alguns traços genuínos da natureza vêm à realidade manifestada<sup>54</sup>(tradução nossa).

O naturalismo de Dewey consiste em reconhecer que o método mais eficaz para aclarar nossas dúvidas é o método científico e que este não deve ser apartado da filosofia. O método empírico aplicado à filosofia visa recolher inicialmente os objetos grosseiros, macroscópicos e rudes da experiência primária, tendo em vista a sua reformulação a partir de uma experiência mais refinada, a secundária, cujo processo consiste numa reflexão contínua e dirigida. Desse modo, tanto os objetos da ciência quanto os da filosofia provêm do mesmo sistema secundário e refinado<sup>55</sup>. O que ocorre é que, no âmbito da ciência experimental, a experiência é, como Dewey mencionou, o ponto de partida e de chegada da investigação. Ou seja, “as ciências

---

<sup>53</sup>. DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p.25.

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> Idem, p.03.



naturais não apenas extraem seu material da experiência primária, como também regressam a ela a fim de serem testadas”<sup>56</sup>.

Assim, em contraposição aos conceitos intuitivos dos racionalismos que visam a uma síntese supraempírica da experiência, a filosofia de Dewey é empirista. Ele mostra que a sua crítica à utilização tradicional do método não empírico em filosofia não ocorre porque existe um excesso de teorização. Na verdade, o que ele pretende mostrar é que há, no método não empírico, uma falha na utilização dos resultados refinados e secundários, uma vez que eles não são tomados como trilhas indicando e reconduzindo a algo na experiência primária. Dessa forma, em filosofia, “o malogro é tríplice”, pois, conforme Dewey: Primeiro não há uma forma de transformar a teoria filosófica em algo que se possa testar ou verificar. Segundo, o que é pior, as coisas da experiência comum não conseguem uma ampliação, um enriquecimento ou alargamento do seu significado como acontece com a abordagem científica. E terceiro, a última e mais grave situação vem a ser a falta de função real do objeto em si da filosofia<sup>57</sup>.

São essas considerações que causam a repulsa de muitas pessoas para com a filosofia. Essa última ficou presa à crença de que os objetos da reflexão são alcançados apenas por aqueles métodos que empregam a ideia do racionalmente compulsório como sendo “reais” em si próprios e por si próprios, supremamente reais. Conforme Dewey, a filosofia encontra-se presa aos obstáculos do método não empírico. Fica diante de “becos sem saída” ou de “quebra-cabeças”, que ela resolve simplesmente chamando os objetos da experiência primária de *meras aparências*, *meras impressões*, ou apelando a algum outro nome depreciativo<sup>58</sup>. Para Dewey, as filosofias que depreciam e condenam a experiência primária se afastaram dos assuntos da vida diária e provocaram uma desestima popular em relação à filosofia.

A experiência não admite divisão entre ato e matéria, sujeito e objeto, coisa e pensamento, pois todos envolvem unidades, são conexões. *Vida* denota função e atividade compreensiva, na qual organismo e ambiência acham-se incluídos. A história

---

<sup>56</sup> Idem.

<sup>57</sup> DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 06

<sup>58</sup> Idem, p. 09.

compreende as proezas realizadas, as tragédias sofridas, o comentário humano, o registro, a interpretação. Tanto a vida quanto a história incluem objetos biológicos, fisiológicos, geográficos, naturais, sociais. Essa unidade integrada deve ser o ponto de partida para o pensamento filosófico<sup>59</sup>. Portanto, os atributos *da vida e da história*, objetos e pensamento se encontram no mesmo contexto. Vida e história incluem aquilo que os homens fazem, suas vivências, o que eles se esforçam por conseguir, o que amam, creem, suportam e, o que produzem com suas ações e sofrem com as ações dos outros. Isso inclui também as maneiras pelas quais padecem, desejam e desfrutam, veem, creem, imaginam etc<sup>60</sup>.

Uma reflexão sobre as nossas crenças nos leva às experiências a partir das quais se originaram. A diversidade de nossas crenças afeta tremendamente nossas novas crenças e antecipações da experiência. Essa diversidade é determinada por fatores sociais. Então descobrimos que cremos em muitas coisas, não porque as coisas são assim, mas porque nos tornamos habituados a pensar dessa maneira, por diversos motivos: elas provêm ou do peso da autoridade, ou da imitação, ou do prestígio, ou da instrução, ou do efeito inconsciente da linguagem. Aprendemos, por exemplo, que as qualidades que atribuímos aos objetos devem ser imputadas às nossas próprias maneiras de ter experiência deles, e que estas, por sua vez, se devem à força das interconexões sociais e do costume<sup>61</sup>.

Se considerarmos nossas maneiras pessoais de crer, veremos a extensão em que essas maneiras são estabelecidas pela tradição e pelos costumes. Ocorre que a ausência de um método empírico levou ao isolamento dos objetos em relação a sua origem e a seu uso instrumental. Aplicando essa abordagem à investigação psicológica, os objetos ligados à experiência interna foram concebidos como constituindo um mundo mental isolado e separado, em si, autossuficiente e fechado em si mesmo. Essa trajetória do “psicológico” vai coincidir com outra perspectiva, qual seja: aquela que toma os objetos físicos como completos e fechados em si próprios. Isso resultou nas

---

<sup>59</sup> Idem, p. 06.

<sup>60</sup> Idem.

<sup>61</sup> DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p.10.

“ninhadas de dualismos” os quais, desde Descartes até hoje, dominam a maneira pela qual os problemas filosóficos são formulados<sup>62</sup>.

Conforme Dewey, a inadequada compreensão do processo de conhecer deriva do não reconhecimento da qualidade primária e final da experiência bruta. Essa qualidade da experiência bruta é *primária* enquanto se apresenta de modo não controlado; ela é *final* enquanto oferecida de um modo mais controlado e significativo<sup>63</sup>. O não reconhecimento dessa qualidade primária e final se tornou possível por meio dos procedimentos e produtos de uma determinada experiência reflexiva. Em sua argumentação a respeito das consequências da descoberta cartesiana dos objetos subjetivos para a filosofia, Dewey alega que, na vida real, tal descoberta constituiu um importante fator na libertação dos seres humanos, mas, no que diz respeito à reflexão filosófica, os efeitos foram negativos.

A partir dessa descoberta, posturas mentais e maneiras de experienciar foram tratadas como autossuficientes e completas, como originárias ou como constituindo os únicos dados confiáveis e, portanto, indubitáveis. Dewey argumenta que o domínio do subjetivismo em filosofia promoveu o desmembramento da unidade da experiência em sua originalidade constitutiva.

Para Dewey, é inegável que o avanço das ciências foi uma das maiores conquistas da espécie humana. No entanto, a aplicação do método empírico no âmbito das questões filosóficas ainda não se realizou. Esse método nos oferece uma história de domínio sobre o mundo, através do apelo a instrumentalidades eficazes em sua aplicação às condições da vida e da ação. Quando essas condições são negligenciadas, ou seja, quando as conexões entre os objetos científicos e os acontecimentos da experiência primária são desprezadas, gera-se o quadro de um mundo de coisas indiferentes aos interesses humanos, porque estão separadas da experiência.

Diferentemente da filosofia tradicional, nas descobertas científicas os processos de reajustamento favorecem novos raciocínios e novos cálculos, e nem por um momento os cientistas pensam em depreciar as características da experiência

---

<sup>62</sup> Idem, p. 12.

<sup>63</sup> Idem.

primária, como fizeram frequentemente os filósofos. Com base nessa ideia, Dewey afirma: “o material do método científico é contínuo com o mundo concretamente experienciado”<sup>64</sup>. Entretanto, quando os filósofos transportam para as suas teorias as condições refinadas da ciência, os resultados são empregados não para iluminar objetos antigos da experiência, mas sim para lançar descrédito sobre estes e para originar novos e artificiais problemas relativos à realidade e à validade da experiência não refletida<sup>65</sup>. O que o método empírico requer da filosofia é que ela esteja conectada com a experiência primária e que os métodos refinados retornem à mesma.

### Considerações Finais

Uma epistemologia naturalista não pode prescindir do método empírico, este será exigido por ser, conforme Dewey, o único capaz de fazer justiça ao investigar a experiência. Dewey acredita que só ele toma a experiência como uma unidade integrada enquanto ponto de partida para o pensamento filosófico. A unidade entre a ciência e a filosofia possibilitará, conforme Dewey, a ruptura com as explicações abstratas sobre o eterno e imutável, o verdadeiro ser, e no seu lugar permitirá o surgimento de hipóteses explicativas sobre a experiência real dos homens. O objetivo será realizar, no campo da filosofia, pesquisas em prol do desenvolvimento, na esfera dos problemas humanos, na esfera da vida moral, com o mesmo sucesso que lograram os cientistas no campo da indagação científica.

As normas da ciência serão incorporadas à vida democrática. Para Dewey, o ideal experimental e o comportamento democrático se fundem. Assim, ele combina as virtudes morais com as intelectuais. O investigador experimental tem em vista o comportamento democrático, com liberdade de expressão, participação, cooperação, de maneira que, suas pesquisas sirvam como instrumentos de ação do homem no mundo, contribuindo para o desenvolvimento de uma experiência mais qualificada. Portanto, para Dewey, a mentalidade científica é uma ferramenta para uso social.

<sup>64</sup> DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p.25.

<sup>65</sup> Idem, pp. 25-26.

Por fim, para Dewey, a filosofia por essa visada científica adotará um método que, em primeiro lugar, nos impedirá, de criar problemas artificiais que desviem a energia e a atenção dos filósofos dos problemas reais que surgem a partir do objeto atual; em segundo lugar, nos fornecerá um meio para conferir ou testar as conclusões da investigação filosófica, fazendo com que os produtos dessa última, enquanto produtos reflexivos secundários retornem à experiência da qual provêm e, em terceiro lugar, pela observação de como funcionam as subseqüentes experiências, os produtos filosóficos adquirirão valor empírico, ou seja, fornecerão contribuições significativas à experiência comum dos homens, em vez de constituírem meras curiosidades, “com os devidos rótulos, em algum museu metafísico”<sup>66</sup>.

### Referências bibliográficas

ARAÚJO. Inês Lacerda. **Dewey e Rorty: Um debate sobre a justificação, experiência e o papel da ciência na cultura.** São Paulo. COGNITIO ESTUDOS: Revista Eletrônica de Filosofia, Volume 5, Número 1, janeiro-junho, 2008.

DEWEY, John. **Reconstruction in Philosophy.** Enlarged edition. With a new introduction by the Author. Boston: The Beacon Press, 1957.

\_\_\_\_\_. **Experience and Nature.** New York: Dover Publications, Inc., 1958.

\_\_\_\_\_. **The quest for Certainty: a study of the relation of knowledge and action.** Minton, Balch, 1929.

\_\_\_\_\_. **Que entiende el pragmatism por “practico”.** in: FAERNA, Ángel MANUEL. Dewey: la miseria de la epistemología. . Madrid, Editora Biblioteca Nueva, 2000.

\_\_\_\_\_. La Influencia del darwinismo em la filosofía (1909) In: FAERNA, Ángel MANUEL. **Dewey: la miseria de la epistemología.** Madrid, Editora Biblioteca Nueva, 2000, p.50.

\_\_\_\_\_. **Propositions, Warranted Asserbility and Truth.** The Later Works of John Dewey. Southern Illinois University Press. ed. Carbondale and Edwardsville. 1991, p. 170 (Publicado originalmente no “The Journal of Philosophy”, 38, (1941).

DE WAAL, Cornelis. **Sobre Pragmatismo.** Trad. Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

<sup>66</sup> DEWEY, John. **Experience and Nature.** New York: Dover Publications, Inc., 1958, p.15.

KORBLITZH, Hilary. **Em Defesa de Uma Epistemologia Naturalizada**. In: SOSA, Ernest, GRECO, John. *Compêndio de Epistemologia*. Tradutores: Alessandra Siedschlag e Fernandes Rogério Bettoni. São Paulo. Edições Loyola, 2008, p. 253.

GEIGER, G. R. **John Dewey in Perspective - a reassessment**. N. York; Toronto; London: McGraw-Hill Book Co., 1958.

NASCIMENTO, Edna M. M do. **Dewey e Rorty: da metafísica empírica à metafísica da cultura**. Teresina: EDUFPI, 2014.

NORRIS, Christopher. **Epistemologia: Conceitos-chave em Filosofia**. Trad. Felipe Rangel Elizalde. Porto Alegre: Artemed, 2007.

PEIRCE, Charles S. **The Collected Papers of Charles S. Peirce**. Cambridge, Mass., 1958.

\_\_\_\_\_. **La Fijación de La Creencia**. In: Obras Filosóficas: Fondo de Cultura, 2012.

PINTO, Paulo Roberto Margutti. **A abordagem pragmática do conhecimento**. In: VAITSMAN, Jeni; GIRARDI, Sábado (org.). *A Ciência e Seus Impasses. Debates e Tendências em Filosofia, Ciências Sociais e Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999, p. 73-92.

QUINE, W. V. O. **Ontology e relativity and other essays**. New York: Columbia University Press, 1964.

\_\_\_\_\_. **From a Logical Point of View**. New York. Harper Torchbooks; Harper & Row, Publishers, 1953.

\_\_\_\_\_. **Acerca del conocimiento científico y otros dogmas**. Introducción Francisco Rodríguez Consuegra. Barcelona, Edições Paidós, 2001.

\_\_\_\_\_. **Ontology e relativity and other essays**. New York: Columbia University Press, 1964.

\_\_\_\_\_. **Dois dogmas do empirismo**. Trad. Marcelo G. da S. Lima. In: RYLE/STRAWSON/AUSTIN/QUINE. *Ensaio*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

RORTY, Richard. **Philosophy and the Mirror of Nature**. Princeton: Princeton University Press, 1979.

SHOOK, John R. **Os pioneiros do pragmatismo americano**. Trad. Fábio M. Said. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TUDELA, Jorge Perez de. **El Pragmatismo Americano**. Madrid. Editora Síntesis, 2000, p 168.

---

Doutora em Filosofia (UFMG)  
Professor do PPG Filosofia (UFPI)  
E-mail: [magaledna@yahoo.com.br](mailto:magaledna@yahoo.com.br)